

# UMA INTERFACE FONOLOGIA-SINTAXE: O USO DE “SONS PREENCHEDORES” DA CATEGORIA FUNCIONAL DOS DETERMINANTES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM<sup>1</sup>

Raquel Santana SANTOS

**RESUMO** *Nesta dissertação, trabalhamos com segmentos vocálicos utilizados pelas crianças que são inseridos em seu contínuo de fala, e que, por muito tempo, foi deixado de lado como subproduto dos enunciados das crianças. Mais recentemente, em algumas análises, esses segmentos têm sido vistos como preenchedores, e chamados de “filler-sounds” ou “place-holders”, conforme se enfatize sua importância fonológica ou gramatical, respectivamente. Nossa análise defende que determinados segmentos vocálicos são utilizados tanto para garantir o ritmo das sentenças como também como preenchedores de categorias funcionais não adquiridas pela criança. No que diz respeito à prosódia, esses filler-sounds têm papel ativo na aquisição dos contornos entonacionais e do ritmo em português; nossos sujeitos ancoram sua produção fonética para seu trabalho fonológico e sintático num determinado modelo prosódico e quando essa ancoragem não é mais necessária eles a abandonam. No que concerne à gramática, esses sons preenchedores surgem como proto-morfemas de categorias funcionais, dentre as quais nos ocupamos com os determinantes. Confirmando alguns estudos, o levantamento dos contextos de enunciado em que nossos sujeitos inserem os “place-holders”, os proto-morfemas surgem e desaparecem em diferentes momentos, conforme os morfemas que deverão ser adquiridos.*

**ABSTRACT** *We have studied in this dissertation the vocalic sounds that children use inserting in their speech's continuous. For a long time, this subject was considered of less importance in the children's utterance. More recently, in some analysis, those sounds have being seen as fillers, reason why they are called filler-sounds (emphasis given to the phonology) or place-holders (emphasis on the syntatic importance). Our analysis defends that certain vocalic sounds are used to guarantee the rhythm or the phrases as much as like fillers of function words not yet acquired by children. About the prosody, those filler-sounds have active function in the acquisition of the intonational system and rhythm in Portuguese; our dyad children bootstrap their phonetic production for their phonologic and syntatic work in a certain prosodic pattern. When this bootstrapping is not necessary anymore, they abandon it. As regards to grammar, those*

---

<sup>1</sup> Texto resultante da dissertação de Mestrado com o mesmo título apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 15 de dezembro de 1995, sob a orientação da Profa. Dra. Ester Miriam Scarpa.

*filler-sounds appear as proto-morphemes of functional words. In those functional words we have worked with the determiners. Ratifying some studies, the investigation of the utterance's context in which our dyad children insert the place-holders show us that the proto-morphemes appear and disappear in different moments in accordance with the morphemes that must be acquired.*

## INTRODUÇÃO

Em nosso trabalho assumimos como embasamento teórico a Teoria de Regência e Ligação (Chomsky & Lasnik, 1991; Haegeman, 1991; Radford, 1990). Embora Chomsky (1994) já esteja propondo um novo modelo de análise, este ainda não nos pareceu desenvolvido o suficiente para servir de instrumento para nossos dados, principalmente no que diz respeito à fonologia. Uma vez que o que nos interessa são as noções de princípios e parâmetros, que não foram abolidas nesse novo modelo, achamos por bem permanecer com a GB ao invés de especularmos como seria a aplicação do novo modelo chomskyano na fonologia.

Ora, é básica para a Teoria da Regência e Ligação a assunção de que a descrição lingüística envolve uma representação fonológica, uma representação sintática e uma forma lógica. De acordo com Selkirk (1984), a relação entre a forma fonética e a estrutura sintática se faz através da prosódia. Aplicando esta visão para a aquisição da linguagem, o que queremos dizer é que a criança, ao ouvir um contínuo sonoro, infere possíveis constituintes sintáticos recortando dados do input através das saliências como ritmo, acento, contorno entonacional, em suma, elementos da estrutura prosódica.

Uma vez que procuramos observar como as crianças procuravam garantir o ritmo de suas produções, é necessário esclarecer como entendemos "ritmo". O ritmo é uma forma de combinação de sílabas que pode ser baseada nos traços de força, acento ou duração e esses traços podem ser combinados; por exemplo, as sílabas mais fracas têm uma duração menor que as mais fortes. O ritmo é algo criado na mente do ouvinte ao perceber impressões sensoriais, e a noção de isocronia é mais perceptual do que realmente uma ocorrência física. O ritmo da linguagem é representado por pulsos ou batidas, que se distinguem em fracas e fortes formando modelos em diferentes níveis métricos, que vão formar uma hierarquia rítmica, onde determinados segmentos estão subordinados a constituintes maiores, formando uma grade métrica (Selkirk, 1984; Massini-Cagliari, 1992; Nespor & Vogel, 1986).

A organização da grade métrica pode ser vista como de construção "bottom-up" (Hayes, 1991) ou "top-down" (Scarpa, 1995a). Nossos dados nos fazem crer que o início da construção da grade métrica durante o período da aquisição se dá de cima para baixo ("top-down"), de modo que os níveis hierárquicos superiores exerçam pressão e direcionem a construção dos níveis hierárquicos inferiores.

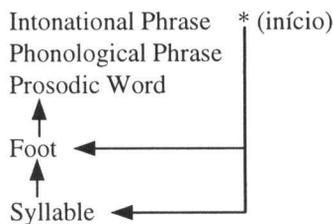
Selkirk (1984), baseando-se no inglês, propõe a existência das seguintes níveis na estrutura rítmica: frase entonacional, frase fonológica, palavra prosódica, pé e sílaba. Os acentos dos níveis devem sempre "remontar", isto é, só são candidatas a sílaba com

acento lexical aquelas que foram acentuadas ritmicamente; o acento frasal só recairá sobre uma sílaba acentuada lexicalmente.

## 1. A SINTAXE

Uma vez que estamos trabalhando com os artigos definidos, os determinantes, cumpre saber como eles se comportam no que diz respeito à grade métrica. Segundo Selkirk, as palavras funcionais (dentro das quais estão incluídos os artigos) são em geral monossilábicas, com formas fortes e fracas e são caracterizadas por uma conexão/juntura extremamente fechada com uma palavra adjacente, não admitindo uma batida silenciosa (pequena pausa) entre elas. Ora, podemos propor que, uma vez que uma palavra funcional é extremamente unida à que se segue, nossos sujeitos analisam todo esse conjunto formado como uma só palavra e o acento lexical e o entonacional se misturariam.

A estrutura entonacional, junto com a estrutura sintática superficial é que vai determinar as relações rítmicas. Ao afirmarmos que a teoria de Selkirk admite a possibilidade de uma construção métrica do tipo “top-down”, não estamos dizendo que essa construção começa do nível métrico mais alto e vai descendo os diversos níveis para que a grade seja construída, mas que a construção é determinada pelo nível mais alto, o entonacional, e a partir de então as regras para a formação da grade começam a ser aplicadas, dos níveis mais baixos para os mais altos, de forma a encontrar o nível mais alto - entonacional - que direcionou essa construção.



De acordo com Chomsky (1987), a aquisição da linguagem é devida a uma faculdade específica da mente. Esta faculdade parece ser única para nossa espécie e comum a todos os membros da mesma. Para Chomsky, as línguas são formadas de *princípios* (que são comuns a todas as línguas) e *parâmetros* (que variam entre as línguas). Esses princípios e parâmetros fazem parte da dotação genética da criança. Uma vez que essas propriedades são inatas, a criança não vai aprender uma língua (“aprender” significando ter de descobrir todas as regras de funcionamento de sua língua). Assumimos a hipótese maturacional como explicação para a transição entre os estágios pelos quais passam as crianças no processo de desenvolvimento da linguagem (Borer, 1984; Lightfoot, 1982, 1989; Tsimpli, 1992; Radford, 1990). Essa hipótese afirma

que os parâmetros são programados geneticamente para serem fixados em diferentes estágios de maturação, de maneira gradual, assim como outros fenômenos biológicos.

Tratadas sintaticamente, as categorias funcionais são os auxiliares, os determinantes, os complementizadores e os elementos flexionais. Dentro da especificação de determinantes estão os artigos, pronomes e o genitivo do inglês.

De acordo com Karmiloff-Smith (1979), os determinantes são um fenômeno superficial da linguagem, apesar de serem um traço universal da mesma. Isto significa que há línguas em que os determinantes estão ausentes na sua representação fonética, mas as distinções referênciais não estão, sendo realizadas de outras formas na língua.

Kato (1974), comparando o inglês, português e japonês, afirma que no que diz respeito ao artigo definido singular, este é usado quando sabemos extralinguisticamente que o elemento a que nos referimos constitui um conjunto unitário. No que respeita aos artigos definidos plurais, a conclusão a que chega é que o artigo definido é usado obrigatoriamente sempre que o conjunto a que se refere está sendo definido quantitativamente e não qualitativamente.

O fato dos determinantes existirem em algumas línguas (italiano, português, inglês) e não em outras (japonês, russo) faz com que tomemos a posição de que os determinantes, enquanto morfemas livres, sejam um parâmetro dentro de uma língua (que pode preencher as características semânticas do determinante através de outros processos). Cumpre observar se o parâmetro que diz respeito ao determinante faz parte da gramática nuclear ou periférica da língua. Gramática nuclear é aquela que resulta da fixação dos parâmetros da gramática universal, sendo adquirida mais inicialmente; e como periférica aquela cujos processos decorrem da “violação” dos princípios e parâmetros da gramática universal, sendo de aquisição mais tardia (questões sociais, culturais ou mesmo estilísticas da linguagem).

As categorias funcionais, inicialmente, seriam subespecificadas. Estudando o comportamento do sistema D em quatro línguas, Hyams (1994) chega à conclusão de que há uma marcação pragmática que teria como valor interpretativo default “interpretação de já conhecido, familiar” para D. De acordo com a hipótese maturacional por nós assumida, podemos afirmar que o uso do sistema D está apoiado no discurso porque ainda não maturou, e mesmo essa maturação não ocorreria de uma só vez, mas aos poucos.

Antes de discutirmos as propriedades dos “place-holders”, cumpre saber como eles têm sido observados na literatura da área. Segundo Bottari, Cipriani & Chilosi (1992), os “place-holders” monossilábicos seriam inseridos na fala das crianças como dispositivos proto-sintáticos, formas embriônicas de morfemas livres que indicariam que há um estágio durante o processo de aquisição do D em que haveria um só elemento, considerado subespecificado morfológicamente.

Os “place-holders” monossilábicos teriam um papel proto-morfêmico, preenchendo o lugar de diferentes elementos funcionais. Eles apareceriam em contextos diferentes em tempos diferentes, e cessariam da mesma forma, quando o elemento funcional que eles estão substituindo é aprendido (artigo, preposição, clítico, cópula, modal, operador de negação, pronome interrogativo). A produção dos “place-holders” monossilábicos são

uma manifestação de que está havendo uma conscientização sobre a existência de posições estruturais que precisam ser preenchidas.

Em nossos estudos, analisamos o trabalho de Bottari et alli sobre os “place-holders” e o que é possível observar é que, embora procurando uma relação entre os “place-holders” e os determinantes, os autores observam este fenômeno do ponto de vista puramente sintático, deixando de lado a questão prosódica - e é este seu principal problema. Bottari et alli afirmavam que os “place-holders” não eram vogais menos arredondadas [i] e [u], no entanto encontramos esses segmentos em nossos dados<sup>2</sup>.

\*MAE: Olha esse é o Cara de Pau

1) \*TIA: u'pa:ω

\*MAE: Cara de Pau.

2) \*TIA: u'pu:

\*MAE: Tigrão. Esse é o Pupi. Ó o Pupi

\*TIA: ma'je

(1;11.02)

\*MAE: Fala senão quebra

22) \*TIA: i'kɛbra

(2;03.04)

\*MAE: cadê a Lela?

43) \*RAQ: adi i li'lɛla:

\*MAE: cadê a Lela?

(1;05.18)

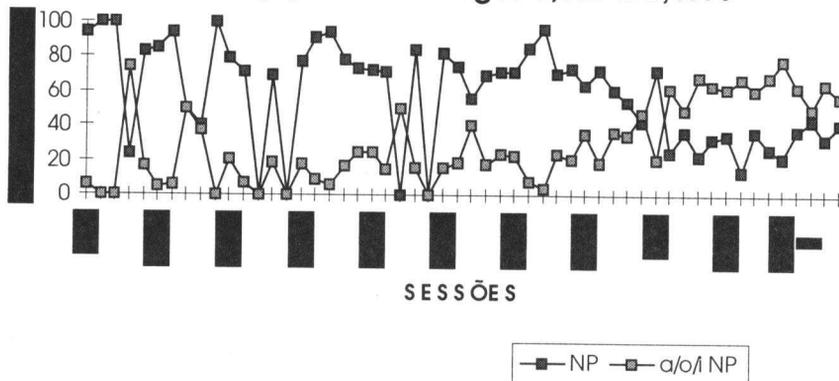
Gramaticalmente, o que podemos propor é que os “filler-sounds” cumpriram a função de proto-morfemas apenas no que diz respeito aos morfemas livres (artigos, pronomes, C e AUX), senão, poderíamos encontrá-los em outras posições, como final de palavras.

Uma primeira forma que encontramos para ajudar a identificar os determinantes foi fazer um levantamento de todos os “ambientes” em que os segmentos vocálicos aparecem (estando ou não numa posição ocupada por morfemas livres em português brasileiro) e dos NPs não antecidos por esses segmentos vocálicos durante o período por nós analisado, e de quantas vezes eles ocorriam por sessão. Uma vez identificados esses ambientes, construímos os gráficos 1 e 2 indicando apenas as percentagens dos NPs, sendo deixados à parte os lexemas de categorias que não N (verbos, adjetivos, advérbios, AUX) precedidos pelos “place-holders”:

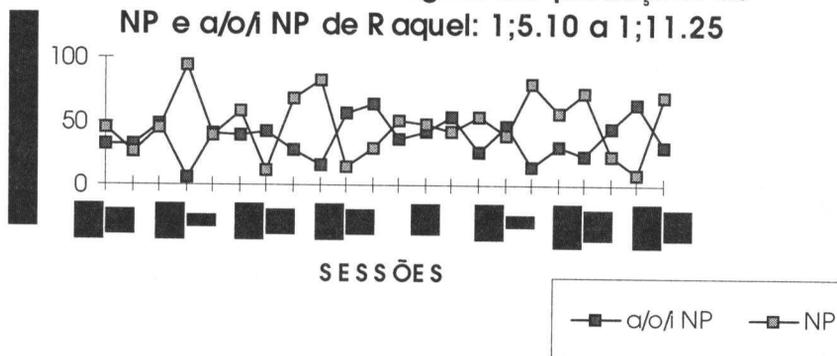
---

<sup>2</sup>a numeração dos dados é a mesma que consta na dissertação.

**GRÁFICO 1: Porcentagem das produções de NP e a/o/i NP de Tiago: 1;5.3 a 3;0.15**



**GRÁFICO 2: Porcentagem das produções de NP e a/o/i NP de Raquel: 1;5.10 a 1;11.25**



Tiago só passa a fazer um uso desses segmentos vocálicos superior a 20% de sua produção total a partir de (2;2.26). Seu uso ainda não está estabilizado, com muitos “altos e baixos” (tanto no sentido conotativo como pictórico da expressão) até (2;5.4). A partir de (2;5.11) as produções com segmentos vocálicos de nosso sujeito superam as produções sem esses elementos. A partir de (2;5.11), “algo” acontece com nosso sujeito; seu sistema modifica-se de modo que suas produções com segmentos antecedendo os NPs passam a ser mais frequentes. Parece-nos ser mais um dado a corroborar nossa hipótese maturacional de que, a partir dessa fase, o sistema dos determinantes começa a entrar em ação.

O gráfico 2, das produções de Raquel, mostra-se um pouco diferente do de Tiago, e à primeira vista não parece ser possível nenhuma relação entre eles. No entanto,

podemos observar que Raquel, no período por nós analisado, já tem um uso mais equilibrado dos NPs, antecédidos ou não por segmentos vocálicos. A faixa de ocorrência dos NPs antecédidos por esses segmentos situa-se entre 18% e 62%, com uma grande concentração em 45%. Já a faixa dos NPs não antecédidos pelos segmentos vocálicos é mais instável. Cumpre observar que é possível que não consigamos observar a emergência do sistema dos determinantes na fala de Raquel porque normalmente seu desenvolvimento lingüístico é mais precoce que o de Tiago e mesmo tendo analisado um período mais inicial.

Voltando aos nossos NPs, procuramos observar como eles estavam sendo usados pelas crianças, e no caso de repetição, de que parte do enunciado estariam sendo retirados, do *foco* ou do *não foco*. Prosodicamente, estaremos assumindo que o *foco* sempre receberá acento de altura. Estamos considerando neste trabalho como *não-foco* não somente a *pressuposição* mas também o *tópico* de uma sentença, visto que muitas vezes foi difícil identificar se o que nossos sujeitos estavam repetindo era o tópico ou algum outro dado do enunciado do adulto. Levando em conta apenas os NPs antecédidos por segmentos vocálicos, estes foram divididos em dois tipos de produções: repetição imediata de um lexema produzido por seu interlocutor (retomada do *foco* e retomada do *não-foco*) e não repetição (ou repetição em um outro momento do discurso). Foi possível observar um crescimento na quantidade de NPs produzidos sem repetição e na repetição de não-foco, e uma diminuição ainda mais significativa da repetição de lexemas do *foco* do interlocutor.

Cruzando nossos resultados com os do gráfico 1, percebemos que o período em que diminui a repetição do *foco* do input do interlocutor corresponde ao aumento do uso de NPs precedidos por segmentos vocálicos produzidos por nosso sujeito. Se nosso sujeito estivesse simplesmente deixando de usar uma estratégia de preenchimento rítmico do segmento extraído de seu interlocutor, esperar-se-ia um decréscimo no uso dos NPs antecédidos por *alo*, o que não ocorre. O que parece ocorrer é que nesse momento (a partir de 2;4), o uso dos segmentos vocálicos *o/a* por parte de nosso interlocutor torna-se qualitativamente diferente. A predominância da repetição do *foco* em detrimento da repetição de lexemas do *não-foco* também é mais um argumento a favor de nossa posição teórica, segundo a qual nosso sujeito teria suas produções direcionadas, determinadas pelo nível entonacional da hierarquia prosódica (“top-down”). Nosso sujeito estaria, num momento inicial, recortando o input do adulto observando o domínio prosódico, e somente mais tarde o recorte torna-se sintático.

A análise dos dados de Raquel mostrou que seu uso dos NPs mantém-se estável, com predominância da *não repetição* do adulto. Esta informação, cruzada com o gráfico 2, em que também há uma estabilidade na produção de NP antecédidos e não antecédidos por segmentos vocálicos, corrobora a hipótese de que ela já passou pela transição dos “filler-sounds” para os “place-holders”.

Resta-nos agora observar qual o uso que está sendo feito desses segmentos vocálicos.

Foi-nos possível que para Tiago, a partir de 2;4, nosso sujeito primeiro usa os NP sem os segmentos vocálicos, e depois insere-os:

99) \*TIA: na'i:ze  
\*MAE: o nariz? mostra o nariz.

100)\*TIA: u na'ize

101)\*TIA: u na'ize

(2;01.10)

\*MAE: bolinha verde.

102)\*TIA: mai'elw bɔ'lina azu

103)\*TIA: mai'e a 'bɔla subiu

(2;6.12)

Uma nova função no uso dos determinantes começa a aparecer nos dados de Tiago: a auto-repetição; primeiro o conceito e depois a especificação. Raquel, nosso outro sujeito, também faz esse tipo de uso do determinante, porém mais cedo, o que está de acordo com a análise das tabelas de seus dados, que parecem indicar um desenvolvimento mais cedo que o de Tiago:

(situação: Raquel estava brincando com a bola)

109)\*RAQ: 'bɔla

110)\*RAQ: a 'bɔla

(1;05.10)

\*MAE: vamos colocar:

115)\*RAQ: bu'ka:do

116)\*RAQ: ɐ bu'ke:do

(1;10.14)

## 2. A PROSÓDIA

A criança, ao se deparar com o fluxo de fala do adulto, tenta recortar “unidades” dessa fala, dando-lhes um significado de modo a utilizá-las mais tarde. Esse recorte se daria pelo significado, silêncio entre palavras, suprasegmentalmente (contorno de altura), tom e ritmo.

Ao produzir enunciados, nossos sujeitos produzem mais de uma palavra, blocos de mais de uma palavra, palavras com inserções de sons não esperados ou união de partes de várias palavras do adulto:

\*MAE: O pião roda, Tiago?

80) \*TIA: xa'ada

\*MAE: Tiago já mamou?

129)\*TIA: ʒa'mo

\*MAE: É. Cê já mamou? Na mamadeira? Tomou tudo?

- 130)\*TIA: to:'tudω  
(2;0.26)  
\*MAE: vamos por.
- 131)\*RAQ: m'po  
(1;5.10)  
\*MAE: dá licença?
- 137)\*RAQ: a'sesa  
\*MAE: dá licença, sim.  
(1;7.13)
- 138)\*RAQ: tilo'leʎa  
\*MAE: tirou a orelha.  
(1;8)

A omissão de segmentos fonológicos nos enunciados da criança fez com que fôssemos procurar uma causa para este fenômeno. Não encontramos nenhum padrão para os segmentos omitidos, de modo que não podemos atribuir essa omissão a uma dificuldade em realizar foneticamente algum segmento. Gerken (1994) e Wijnen, Krikhaar & Den Os (1994) propõem que a omissão de determinadas sílabas do enunciado da criança estaria relacionada a um “esqueleto” rítmico de forma (**sw**). O problema estaria na produção e não na percepção das enunciações. Para Gerken, a criança teria também que levar em conta o arcabouço silábico (**cv(c)**) (em que a última **c** é opcional). A solução encontrada por Wijnen et alli para explicar a escolha da sílaba omitida é que a escolha da sílaba fraca a ser retida entre duas fracas finais seria aquela que recebe o acento secundário (ou em português a sílaba não extramétrica). Nenhuma das propostas sozinhas dá conta de nossos dados, mas a união dessas duas propostas permite-nos compreender porque nosso sujeito ora omite a sílaba final (seguindo a proposta de Wijnen) e ora omite a primeira sílaba fraca pós-tônica (seguindo a proposta de Gerken) de um mesmo lexema. Podemos propor que, nesses casos em que temos duas sílabas fracas pós-tônicas com o arcabouço silábico da primeira com forma (**cv**) e da última com forma (**cvc**), a escolha dependerá de nosso sujeito estar trabalhando com a grade métrica ou com a constituição silábica.

A explicação para o fato de a criança estar omitindo sílabas que inclusive criariam pés é que nessa fase (2;0) nosso sujeito ainda parece não estar lidando com o nível rítmico, mas com um nível hierarquicamente superior. Todo esse trabalho de omissão e inserção de sílabas se dá nessa fase para preencher o nível entonacional.

De acordo com Scarpa (1988), no período de aquisição de Tiago, ele tinha alguns contornos entonacionais fixos, para diversas situações. Mais tarde Tiago irá super-estender um desses tons de modo a recobrir os outros.

O sistema entonacional de Raquel é formado por mais contornos, mas inicialmente todos os enunciados em que surgem os “filler-sounds” estão em um determinado contorno. O que parece ocorrer é que nossos sujeitos vão recortar o fluxo de fala do adulto de forma a preencher esse grupo tonal e dentro dele é que serão construídas as grades métricas. Tiago e Raquel ainda não têm domínio total nem da estrutura sintática

nem da estrutura entonacional, de forma que preenchem ritmicamente seu grupo tonal com algumas “liberdades” em relação ao seu enunciado: reduções ou reduplicações de sílabas, inserção de sons, aumento na duração de sons, mudança no nível de acentuação de palavras.

Os segmentos vocálicos utilizados para garantir, preencher o contorno entonacional são chamados por Scarpa (1995a) “*earlier filler*” (“*tone-group*” ou “*intonation fillers*”). Além dos segmentos vocálicos usados para garantir o contorno entonacional, Scarpa também propõe a existência de “*filler-sounds*” mais tardios (“*Later fillers*”; “*metric or rhythmic fillers*”) que estariam dando suporte ao ritmo.

O surgimento de sílabas (**w**) no início dos enunciados de nosso sujeito se dá então não para garantir a perfeição da grade métrica, uma vez que estaria violando o ritmo predominantemente trocaico do português, mas sim garantindo o contorno entonacional utilizado por Tiago e Raquel. Esta seria a função dos “*filler-sounds*” iniciais. Quando nossos sujeitos começam a trabalhar com a grade métrica, muitos desses sons desaparecerão.

O fato de os “*filler-sounds*” não mais serem necessários para preencher o contorno entonacional não significa que eles não mais aparecerão; pois poderão surgir não mais como suporte para o arcabouço entonacional, mas para a grade métrica.

### 3.CONCLUSÕES

As conclusões a que pudemos chegar foram que nossos dados confirmaram a hipótese proposta por Gerken e por Wijnen, Krikhaar & Den Os de que as crianças percebem as sílabas fracas do enunciado do interlocutor, e de que a explicação para a omissão das mesmas no enunciado da criança estaria na produção, mais especificamente na organização prosódica do enunciado da criança. Nossa análise também confirma existir um processo de ancoragem na aquisição da linguagem, como defendem Gerken e Peters & Menn (1994), até mesmo por causa da pressão exercida pelos níveis mais altos da grade métrica sobre os níveis mais baixos; Raquel e Tiago ancoram sua produção sonora para seu trabalho métrico e sintático num determinado modelo prosódico e quando essa ancoragem não mais é necessária eles a abandonam.

Comprovou-se também que o processo de ancoragem se dá entre os níveis hierárquicos prosódicos; o trabalho com o nível rítmico só se dá quando as crianças cuja fala foi observada já dominam o nível hierarquicamente superior. Durante o início do processo, enquanto Tiago e Raquel estão trabalhando em um determinado nível, eles não lidam com o nível inferior, “transgredindo” inclusive princípios que regem esse nível inferior. Na realidade, essa “transgressão”, se vista sob a óptica maturacional, não existe, pois não se transgredir uma lei, um princípio que não se adquiriu. No entanto, existe um momento de sobreposição do trabalho, um período em que nossos sujeitos trabalham com os dois níveis e ficam flutuando entre eles. É assim que ora nossos sujeitos estão trabalhando com o nível entonacional, ora com o nível rítmico, e mesmo quando iniciam o trabalho de “descida” na grade, às vezes eles vão para um determinado

nível (pé), às vezes para outro (sílabas). No que diz respeito à mudança do padrão rítmico, se antes ele produzia um padrão do tipo (L) L \*H (L), em que L são as sílabas leves e H a sílaba pesada, a partir de (3;0) nosso sujeito tenderá a sempre preencher o L final; ao transformar a última sílaba opcional em categórica, nosso sujeito indica estar mudando seu padrão rítmico, de forma a preencher o arcabouço do troqueu (sw).

Outro fator importante observado foi que a hipótese “top-down” de construção da grade métrica mostra que os níveis superiores exercem pressão e direcionam a construção dos níveis inferiores. Este trabalho com os diferentes níveis hierárquicos da grade métrica corrobora a visão de Scarpa de que a construção da grade métrica é “top-down” e de que não podemos acreditar numa visão primitiva da prosódia, mas que há um trabalho concomitante entre prosódia e sintaxe.

Através do argumento da subespecificação, pretendemos ter mostrado que a consciência gramatical vai sendo adquirida aos poucos, não como um todo. A categoria funcional dos determinantes não é constituída somente de “nomes”/ rótulos, mas é todo um sistema semântico, pragmático, fonológico e estrutural (gramatical) que não emerge concomitantemente, mas aos poucos. O uso inicial que nossos sujeitos fazem do artigo é como especificador, instanciador de uma categoria. O uso que os sujeitos fazem dos determinantes nos indica que, enquanto não emergem, algumas propriedades são ancoradas pragmaticamente - de tal forma que os determinantes são subespecificados -, e são entendidas no sistema lingüístico da criança como “o já conhecido ou familiar”.

O fato de a categoria funcional dos determinantes ser precedida por proto-morfemas e ser adquirida em um período inicial do processo de aquisição pelas crianças revela a importância do parâmetro responsável por essa categoria funcional na gramática do português.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Borer, H. (1984) - **Parametric Syntax: case studies in Semitic and Romance Languages** Dordrecht: Foris.
- Bottari, P.; Cipriani & A. Chilosi (1992) - “Proto-syntactic devices” in **Gen Gen P** Vol.0 Université de Genève
- Chomsky, N. (1987) - “On the nature, use and acquisition of language: Kyoto 1” (paper)
- \_\_\_\_\_. (1994) - “The Minimalist Program” (paper)
- Chomsky, N. & H. Lasnik (1991) - “Principles and parameters theory” (paper)
- Gerken, L. (1994) - “A metrical template account of children’s weak syllable omissions from multisyllabic words” in **Journal of Child Language** vol.21 Cambridge University Press
- Haegeman, L. (1991) - **Introduction to Government and Binding Theory** Basil Blackwell Cambridge
- Hayes, B. (1991) - **Metrical Stress Theory - Principles and Case Studies** (draft)
- Hyams, N. (1994) - “the underspecification of functional categories in early grammar” talk presented at the Great Britain Child Language Seminar - Wales
- Karmiloff-Smith, A. (1979) - **A Functional Approach to Child Language - a study of determiners and reference** Cambridge University Press
- Kato, M.A. (1974) - **A Semântica Gerativa e o Artigo Definido** Ensaios n.6, ed. Ática
- Lightfoot, D. (1982) - **The Language Lottery: toward a biology of grammars** MIT Press
- \_\_\_\_\_. (1989) - “The child’s trigger experience: degree-0 learnability” in **Behavioral and Brain Sciences**
- Massini-Cagliari, G. (1992) - **Acento e Ritmo** ed. Contexto
- Nespor, M. & I. Vogel (1986) - **Prosodic Phonology** Dordrech Foris Publications

- Peters,A. & L. Menn (1994) - "False starts and filler syllables: ways to learn grammatical morphemes" in **Journal of Child Language** vol.19 n.3
- Radford,A.(1990) - **Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax** Basil Blackwell
- Scarpa,E.M.(1988) - "Desenvolvimento da intonação e organização da fala inicial" in **Cadernos de Estudos Linguísticos** n.14 Unicamp
- \_\_\_\_\_. (1995a) - "Organizações rítmicas da fala inicial" in **Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL** Caxambu (no prelo)
- Selkirk,E.(1984) -**The Relation between Sound and Structure** MIT Press
- TSimpli,I.(1992) - "On the maturation of functional categories:early child speech" in **UCL Working Papers in Linguistics** 3
- Wijnen,F.;E.Krikhaar & E.Den Os (1994) - "The (non)realization of unstressed elements in children's utterances: evidence for a rhythmic constraint" in **Journal of Child Language** vol. 21 n.1 Cambridge University Press